
ESCOLA: LUGAR PARA LER E GOSTAR

Josilene da Silva Augusto¹

Apresentação

Este relato apresenta algumas possibilidades de trabalhar a literatura infantil nos espaços escolar e extraescolar. Mostra que, além da intenção pedagógica, a prática de ler, ler em qualquer ambiente, pode ser prazerosa. Literatura infantil, letramento e alfabetização articulados dialogam entre si, auxiliam, facilitam a aprendizagem, além de desenvolverem a imaginação, a criatividade e o prazer pela leitura. Diante das possibilidades vivenciadas, ficou evidente que a literatura infantil, planejada e intencional, faz com que os alunos adentrem o mundo do letramento de maneira significativa, estimulados a ler e escrever. Essa experiência compreende que a escola tem uma função social e política, determinada pelo seu papel como formadora do indivíduo para o exercício da cidadania. E mais ainda: os sujeitos, envolvidos nesse processo interagem com um meio carregado de significados, onde a leitura é uma prática cultural e social.

Caracterização da Escola

A escola Municipal Cássio Leite de Barros está situada na parte periférica da cidade de Corumbá-MS. A escola atende a alunos do Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II, no período matutino do 6º ao 9º ano e, vespertino, do 1º ao 5º ano .

O quadro de professores é composto por, aproximadamente, 52 professores, sendo 60% efetivos. Todos têm formação na área específica em que atuam. Destes, 03 são mestres e há 01 doutor. Todos os professores do 1º ao 3º ano foram cursistas do *Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa nos anos de 2014, 2015 e 2016*.

A maioria dos alunos residem no entorno da escola, oriundos da classe trabalhadora (militar, professor, feirante, funcionário público, do lar, diarista, mecânico, autônomo, entre outras profissões).

¹ Formada em Pedagogia pela UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal- Corumbá (2003). Mestre em Educação pela UFMS, Campo Grande- MS, (2011). Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Corumbá, MS. E-mail: josilene_augusto@hotmail.com.



A experiência aqui relatada foi desenvolvida durante o ano de 2015, envolvendo 26 alunos: 25 alunos com 07 anos e 01 com 11 anos (01 aluno com deficiência intelectual). No 2º ano do Ensino Fundamental I, houve participação dos pais e dos professores. Os alunos são participativos e os pais se envolveram nas atividades pedagógicas propostas pela escola.

As atividades realizadas com as leituras tiveram o suporte dos livros que fazem parte do acervo distribuído às escolas públicas pelo *Ministério da Educação, no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático - Obras complementares e livros do Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização na Idade Certa*.

Nos primeiros dias de aula, foi proporcionado o acesso dos alunos ao acervo dos livros em sala. Nesse contato, ficou nítido o interesse geral. A princípio, os alunos manuseavam os livros aleatoriamente, começavam a ter o contato visual e tátil com as obras literárias do nosso acervo.

Escolhiam um livro, olhavam, liam, conversavam entre si sobre as descobertas que estavam fazendo ao explorarem os desenhos, as cores, a capa, o título, as letras, o tamanho das folhas, a textura, enfim, as características de cada livro que passavam a conhecer.

Fundamentação teórica

Não se forma um leitor com uma ou duas cirandas de livros, se as condições sociais e escolares subjacentes à leitura não forem consideradas e transformadas (SILVA, 2002). A leitura deve ser assumida como uma prática social a ser devidamente posta na vida cotidiana das pessoas, cujo aprendizado se inicia na escola, mas que não deve terminar nos limites da experiência acadêmica.

Destacar a escola como um bom lugar para ler um livro parece redundante, porém a proposta desse projeto foi não restringir a leitura ao seu uso apenas dentro da sala de aula, mas permitir “explorar” outros espaços da escola e fora dela. Nas reflexões de Baldi (2009):

É necessário, portanto ampliarmos nossa visão para além da competência leitora escritora e do próprio processo de letramento. E é também necessário buscar essas outras razões para trabalhar com literatura, que dizem respeito ao prazer que a leitura pode nos dar e a nossa condição não só de professores, mas de leitores. (p. 8).

Ao ouvir dos alunos: “Professora, vamos ler lá fora?”, começamos a pensar em outros espaços para ler, que nos permitiriam sonhar, exercitar a curiosidade, estimular o espírito aventureiro. Levamos os livros para debaixo das árvores, para o pátio da escola. E a leitura fluía.



Diante do interesse, começamos a ler em outros lugares, procurando garantir que as leituras fossem prazerosas e desafiadoras.

O desafio consistia em leituras que proporcionassem aos alunos a capacidade de ler, para: aprender a fazer algo, aprender assuntos do seu interesse, informar-se sobre algum tema e ter prazer nessa atividade. Nessa perspectiva, concebemos a leitura como uma relação dialética entre interlocutores, que pressupõe a interação entre texto e leitor e não um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos (BRASIL, 2012).

Segundo Marinho (2010), a escrita é um produto cultural e os atos de ler e escrever são patrimônios culturais, que devem ser disponibilizados a todos. No entanto, historicamente, a escola transformou a escrita de objeto social/cultural, que possui uma existência social, em objeto exclusivamente escolar, ocultando suas funções extraescolares.

O objetivo principal dessa experiência foi levar os alunos a perceberem que a leitura não deve ser feita só no ambiente escolar, mas também em vários ambientes diferentes do contexto escolar, de modo que possa se tornar prazerosa como uma brincadeira, que possa acontecer numa praça ou no ônibus, no pátio ou no parque.

Descrição da experiência

Ao se familiarizarem com o acervo, o que chamou mais a atenção dos alunos foram os livros que traziam as rimas. Ao ouvirem o som das palavras escritas e perceberem que estas remetiam a outras palavras que terminavam com o mesmo som, interessavam-se cada vez mais pelos livros. Nesse momento, propus um desafio para a turma, o qual consistia em rimar o próprio nome.

A cada dia, as crianças traziam novas rimas: “- Você conhece o Rafael? Aquele que adora comer pastel?”. Ou, “- Você conhece a Ágatha, aquela que tem uma gata?”. Até com o nome da professora surgiu uma rima: “- Você conhece a Josilene? Aquela que só usa *shampoo* da Pantene?”.

Num determinado dia, um aluno pegou o livro: *Poesia da varanda*, e perguntou: “- Professora o que é poesia?”. Li para eles um parágrafo e perguntei sobre o que falava e, em seguida, responderam: “- Da chuva”. “- Sim, mas como foi escrito?” Um aluno respondeu: “- Com encanto professora, com encanto”. Assim, concluímos que poesia é tudo que nos encanta.

No dia-a-dia da sala de aula, os alunos ficavam mais familiarizados com as leituras. Criou-se uma rotina para esse momento, organizada da seguinte forma: Eu (professora) iniciava as leituras sempre com um livro que eles ainda não conheciam e, depois, um aluno/ou aluna lia um livro escolhido do acervo da sala.

Quando eu lia, procurava apresentar diversos gêneros textuais: curiosidades sobre os animais, histórias, poemas, contos, parlendas, fábulas, adivinhas, trava-línguas, entre outros. O



objetivo era ampliar o repertório literário e proporcionar possibilidades de se tornarem pessoas mais sensíveis, críticas e criativas. Gradativamente, os alunos começaram a descobrir os encantos da literatura como uma forma de arte, como um instrumento de conhecimento de si mesmos e do mundo.

Motivados pelo prazer da leitura, iniciamos a experiência de ler em outro ambiente. Organizávamos os livros numa mala com rodinhas e selecionávamos quais alunos ficariam responsáveis pelas leituras. Essa excursão para além da sala de aula foi batizada de ‘Piquenique literário’ e acontecia toda sexta-feira. A cada piquenique, 06 (seis) alunos ficavam responsáveis por levar os livros para casa antecipadamente e “treinar” a leitura. Esses livros eram emprestados aos alunos. Anotavam, em um caderno, o seu nome, o título do livro e o dia em que iriam entregar. Assim exercitávamos a função social da escrita.

O nosso primeiro piquenique foi embaixo de uma árvore, no pátio da escola. Toda sexta, escolhíamos um lugar diferente para ler e sorteávamos os leitores: fomos ler no *hall* da escola, no pátio, embaixo das árvores, na biblioteca, no Museu Estação Boticário e na praça, perto da escola e escolas próximas.

Dessa gostosa brincadeira, surgiu a ideia da ‘Leitura compartilhada com os pais’. Era mês de agosto e seria homenagem aos pais. Quando a proposta foi sugerida, alguns alunos relataram que não tinham o pai perto ou que ele não poderia vir à escola. Conversamos e eles perguntaram: “- Pode trazer o irmão?” “- Pode trazer o avô? O primo? O tio?”. Diante dessas questões, combinamos que sim, eles poderiam levar outra pessoa que não fosse o pai.

A atividade foi organizada da seguinte forma: Foi enviado um bilhete convidando cada pai. Na medida em que eles confirmavam a participação, era escolhido um livro, de acordo com o nível de alfabetização da criança: livros com textos para os que já liam, alguns com textos curtos e fáceis de memorizar; outros com enredos maiores e com mais complexidade; e ainda alguns livros que continham sequência de imagens, para aqueles que não dominavam a leitura escrita.

No total, foram 19 (dezenove) participantes entre pais, irmãos, primos, tios e avôs. No dia marcado, fomos para o pátio. Assim que o convidado chegava, ambos sentavam juntos, a criança no colo do adulto. Esse aconchego foi um bálsamo! Todos ficaram calmos e felizes por estarem no colo do pai, do avô, do tio, do irmão, do primo ou da mãe.

Essa atividade foi muito gratificante para todos. Um dos alunos que até então não lia na sala, por vergonha e insegurança, leu no colo do avô e emocionou a todos os presentes. Foram muitos relatos dos pais:

“– Professora, levei o bilhete que a senhora mandou para o meu patrão e ele me liberou para ler com meu filho.



- É a primeira vez que venho na escola da minha filha participar.
- O meu pai nunca foi na minha escola quando eu era pequena. Agora está aqui com meu filho”.

A ideia que embasou essa experiência é de que a leitura na escola deve ser uma aprendizagem e não uma técnica resultante de uma mecanização, ou receita a ser seguida. Deve ser uma ação do aluno refletindo, levantando hipóteses e se inteirando sobre o objeto de conhecimento.

A literatura infantil sempre esteve e está presente em nossas vidas muito antes da leitura e da escrita, seja por meio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda ou das contações de histórias realizadas pelos familiares. Porém quando as crianças chegam à escola é que a literatura passa a ter o poder de construir uma ligação lúdica entre o mundo da imaginação, dos símbolos subjetivos, e o mundo da escrita, dos signos convencionais impostos pela cultura sistematizada. (MELO, 2016).

De fato, cabe à escola inserir o aluno no mundo do letramento, proporcionar momentos em que o livro de literatura infantil possa ser usado de maneira significativa. É fundamental que nós, professores, estejamos comprometidos com uma ação planejada e intencional. Existem muitas possibilidades de se enriquecer as práticas da leitura, uma das quais apresentei neste relato. Para isso, é essencial que nós realizemos um trabalho planejado e intencional, garantindo, dessa forma, que o aluno adentre o mundo do letramento de maneira significativa, sendo estimulado a ler e escrever.

Temos que tomar cuidado em sempre vincular o uso do livro de literatura infantil ao processo pedagógico, pois, muitas vezes, esse importante e rico material é usado apenas para ser “folheado”. O livro de literatura infantil deve ser explorado em seu todo. Cabe-nos desenvolver um trabalho que gere interesse dos alunos, buscar familiarizá-los com o conteúdo, bem como estimular práticas de contação de histórias, saber direcionar e fazer fluírem conversas sobre o livro lido. É necessário que nós estejamos preparados para contar a história, para que a mesma seja feita de maneira significativa e não apenas como uma maneira de passar o tempo.

A partir dessas concepções e percebendo o envolvimento de todos os alunos, apresentei a parlenda *O macaco e a velha* (Domínio Público), texto que foi lido, discutido, interpretado pelos alunos e apresentado em forma de teatro.

No total, foram 04 (quatro) apresentações: na nossa escola, para todas as séries do período vespertino; para professores alfabetizadores, no Seminário do “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- PNAIC”; no Museu Estação Boticário; na Escola Francisco Sampaio da cidade de Ladário-MS, para alunos do 5º ano; e na Escola Municipal Luiz Feitosa Rodrigues, em Corumbá - MS. Para que pudéssemos chegar a essas quatro apresentações, foi um trabalho árduo! Primeiro, assistimos várias vezes ao vídeo da parlenda *O macaco e a velha*. O objetivo era discutir os conceitos e preconceitos presentes no texto: racismo, maus tratos de animais e o *Estatuto do idoso*.



Durante a realização dos ensaios, todos os 26 (vinte e seis) alunos aprenderam a fala de todos os personagens. Assim, não havia apenas um personagem para cada aluno; se alguém faltava, outro representava e se encaixava direitinho no papel. É interessante ressaltar que, a cada apresentação, sempre mudavam os protagonistas. Os alunos se divertiam como se fosse a primeira vez. Na última apresentação, os alunos colocaram os braços em volta do corpo, como se estivessem despedindo-se do personagem e diziam: “- Puxa acabou, você vai embora!”

E, para encerrar, ainda dentro da perspectiva de estimular o gosto e o prazer pela leitura, foi trabalhado o livro: *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. No momento de escolher os personagens, dois meninos queriam ser o coelho; sendo assim, resolvi incluir, ao invés de excluir, e tínhamos dois coelhos encantados pela menina e duas coelhinhas. É importante destacar que essa releitura foi necessária. Já estávamos com tudo esquematizado: quem seriam o narrador, o coelho, a menina, a coelha, a mãe da menina e os filhotes dos coelhos. Mas um aluno que mal abria a boca, por timidez, quis ser o coelho protagonista.

A dimensão que a literatura infantil alcançou foi muito importante: proporcionou aos alunos desenvolvimento emocional, social e cognitivo; demonstrou, mais uma vez, que eles podem ser protagonistas da sua aprendizagem, criando, reinventando e vivenciando a infância, através da adaptação da obra, tornando-a sua. Foi assim que a peça recebeu características próprias.

Resultados E Discussões: O Desabrochar...

Ao propor essas intervenções literárias, o intuito foi oferecer a leitura por prazer, diversão, uma leitura individual ou coletiva, como quando se pula corda ou se joga futebol com os amigos. Também foi proposto que ocupassem os espaços do ambiente escolar (pátio, embaixo das árvores) e outros espaços fora da escola, como museu, praça, calçada, para realização das leituras.

Eu não imaginava que iriam além. Um belo dia, uma aluna chega à sala e diz que tinha escrito um livro. Fiquei boquiaberta! Sim, um livro: *A camponesa e o príncipe*. Com começo, meio e fim. Essa aluna foi uma das que haviam lido o livro, no dia da leitura compartilhada com os pais. “Leu” um livro que só continha sequência de imagens, porque, na época ela ainda não lia. O livro que escreveu seguia essa proposta, com sequência de imagens.

Perguntei a ela o que era uma camponesa. Ela respondeu: “- Uma princesa que vive no campo!” Ao ler o livro para os colegas, mostrava as páginas que desenhava. Em uma das passagens, desenhava uma sombrinha, colocou um pedaço de papel crepom na parte de cima, formando a cobertura e acrescentou vários riscos por cima, representando a chuva. Um aluno disse: “- Não parece uma sombrinha”. Em seguida, outro aluno respondeu: “- Usa a imaginação, usa a imaginação”.



Enquanto a aluna narrava, houve outros questionamentos. Ela desenhou um cachorro com uma coroa. Um aluno exclamou: “Cachorro usando coroa!” Ela, prontamente, respondeu: “- Cachorro de príncipe é cachorro-príncipe também!” (Paola, 07 anos).

Esses momentos de criação e independência vêm ao encontro das ideias de Bakhtin (1998). Segundo ele nos ensina, a literatura infantil pode ser um instrumento motivador e desafiador. Ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com sua necessidade.

Cada vez mais empolgada com as respostas, li para os alunos o livro da escritora Adriana Falcão, *Mania de explicação*. Esse livro fala dos sentimentos e, ao mesmo tempo, é ilustrado de forma lúdica e brinca com as palavras. Incitar o imaginário, provocar perguntas e buscar respostas é despertar grandes e pequenas emoções, como rir, chorar, sentir medo e raiva, emoções estas que vêm das histórias ouvidas e lidas.

As emoções afloravam. Ao ler uma página, perguntei: “- O que é desespero?”. Um aluno respondeu: “- Desespero é quando a gente acorda de madrugada e não encontra a mãe e nem o pai” (Pedro – 7 anos). Ou quando perguntei: “- O que é solidão?” Outro aluno respondeu: “- Solidão é escuridão” (Carlos Eduardo – 7 anos).

Provocar perguntas e buscar respostas era diário. Eu sempre os chamava de leitores. Explicava que ser leitor é ler tudo, compreender o que se está lendo e ler o que não está escrito também! “- O que é ser leitor mesmo?” “- Ser leitor é ler o mundo, professora” (Juliano 7 anos).

Os alunos estavam familiarizados com o fato de serem chamados de leitores e, para coroar os momentos das leituras, criamos um juramento, que foi lido e repetido por toda a sala: “Eu prometo respeitar meus amigos, pois sem amizade, não somos ninguém. Prometo ler sempre, cuidar dos livros. Prometo me esforçar sempre para que, no futuro, eu continue sendo um bom leitor” (alunos da 2ª A). E realizamos o dia do leitor(a), com direito a faixas e medalhas.

Interagindo de forma poética, questionando, sugerindo e criando com o que ouvíamos e liamos, os alunos foram lendo, lendo, lendo... Quando se gosta de ler, lê-se em todo o lado: em casa, na escola, nas praças. Não há lugares especiais para quem quer ler. Se houver uma boa motivação, qualquer lugar servirá para se fazer uma leitura reflexiva e pensar sobre o que se lê.

Os alunos procuravam diferentes lugares para lerem: no pátio, na biblioteca durante o recreio, embaixo das árvores, nas aulas, em casa e, quando saíam, levavam junto um livro a tiracolo. A leitura teve diversas finalidades: puro deleite, obtenção de informação científica, obtenção de informações literárias, construção de conhecimentos e produção de novos textos.

A melhor coisa que a escola poderia oferecer aos alunos é a leitura. (...) se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, a escola já cumpriu grande parte de sua tarefa”. (CAGLIARI, 1996).



As ações desenvolvidas nasceram da perspectiva construtivista, que defende a ideia do alfabetizar letrando, isto é ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social (SOARES, 2002).

Considerações finais

Os resultados obtidos com esse projeto foram além dos objetivos elencados. Hoje, temos alunos com habilidades na leitura, porque adquiriram o hábito de ler. A leitura assumiu, desse modo, uma importância vital, como estratégia de melhoria do processo ensino-aprendizagem, contribuindo, assim, para o desenvolvimento dos alunos.

A literatura infantil não é neutra. Aqui foi utilizada na perspectiva de suas contribuições nos processos de alfabetização e letramento. Como já sinalizamos, alfabetização e letramento dialogam, mesmo sendo processos distintos. Soares (2004) esclarece que o processo de alfabetização é complexo por natureza, envolve conteúdos de diversas áreas, buscando a aprendizagem do aluno. Quanto ao letramento, vai além da alfabetização. Deve ser entendido como inserção social do aluno no mundo da escrita.

Nesse sentido, a experiência com a literatura infantil entende que a escola tem uma função social e política determinada pelo seu papel de formadora do indivíduo, para o exercício da cidadania (KLEIMAN, 2008).

Assim, a literatura infantil se refletiu no cotidiano dos alunos e no seu processo de letramento. Ao tomarem gosto por ler, aproximaram-se naturalmente da leitura e da escrita, fortalecendo ainda mais a construção de novos conhecimentos, favorecendo seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

Referências

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: reflexões sobre a prática do professor no ciclo de alfabetização, progressão e continuidade das aprendizagens para a construção do conhecimento por todas as crianças. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, ano 02, unidade 08, 2012, 47 p.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: _____. BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni, José Pereira Jr et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.



_____. Os gêneros do discurso. In: _____. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAGLIARI, Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 438- 456.

MELO Alves Raimunda. **Literatura infantil lúdica**: uma importante ferramenta para a formação de leitores. Disponível em: [http: www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/5721literatura-infantil--ludica-uma-importante-ferramenta-para-a-formacao-de-leitores.html](http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/5721literatura-infantil--ludica-uma-importante-ferramenta-para-a-formacao-de-leitores.html). Acesso em 15 maio de 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A produção da leitura na escola**: pesquisas x propostas. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Autores Associados, n. 25, 2004.

